



GT 51. Historiografia das antropologias: práticas, teorias, métodos, histórias

Coordenador(es):

Peter Schröder (UFPE - Universidade Federal de Pernambuco)

Christiano Key Tambascia (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

A antropologia vem experimentando nas últimas décadas uma renovação do interesse pela sua história. No âmbito dessa retomada, livros, artigos e painéis em congressos vêm discutindo essa disciplina do Renascimento em diante, se confrontando com questões como a formação e instituição da etnografia e da antropologia, as bases filosóficas de suas epistemologias, a constituição de tradições nacionais e genealogias alternativas às narrativas mainstream, bem como com práticas de campo, métodos e teorias, além da relação entre o fazer etnográfico e as relações de poder. Unem-se, à historiografia da antropologia praticada por pensadores bem estabelecidos em universidades, aquelas acerca de profissionais com vínculos institucionais frágeis, intermitentes ou inexistentes, naturalistas, missionários e etnógrafos amadores. Museus e sociedades científicas vêm tendo sua atuação repensadas; além de interpretações e pesquisas bibliográficas, arquivos e memórias são sujeitos a novas análises. O GT busca contribuir para a historiografia das antropologias praticadas no Brasil e em outros contextos nacionais e transnacionais. O painel se situa num campo interdisciplinar, entre história, antropologia e historiografia das ciências, e está aberto a contribuições que enfocam estudos de caso ou das tradições nacionais e transnacionais, estudos biográficos ou arquivísticos, análises de teorias e métodos e ainda reflexões sobre métodos em historiografia das antropologias.

Etnografia da obra "Os Tapajó" de Curt Nimuendaju

Autoria: Gabriela Galvão Braga Furtado (MPEG - Museu Paraense Emílio Goeldi)

A base da construção da Antropologia, especificamente produzida no Brasil, enquanto campo científico, perpassava desde sempre a noção de contato cultural no qual norteava o desenvolvimento das pesquisas de sociedade consideradas como exóticas. Neste sentido, é necessário salientar que Antropologia e antropólogos estavam inseridos em um mundo marcadamente tido como civilizado, científico e técnico; o fazer antropológico, nessa medida, era o de submeter e colocar em submissão o outro e seu mundo, tendo por meta a civilização e a humanidade. Toda via, ao decorrer do tempo, é visível uma mudança na atuação da Antropologia, voltada mais para aplicabilidade e o engajamento com o seu objeto de pesquisa. Essa mudança, é visível e muito presente no campo da etnologia indígena. Assim, esse work se propõe a discutir sobre a etnia Tapajó a partir das impressões atribuídas pelo etnólogo Curt Nimuendaju a este povo por meio da etnografia documental da obra Os Tapajó, publicada em 1949 no boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nimuendaju, fez uma etnografia tendo como base a análise documental e arqueológica na região. Inicia o work a partir de uma linha histórica de como procedeu a colonização da região, baseado em cronistas. E Apesar do etnólogo acreditar que não teve contato com essa etnia, ele descreve em sua obra com clareza as principais características dos Tapajó. Assim pretendo da visibilidade a esta obra e ao fazer etnográfico de Nimuendaju.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: